
ARTIGO

CAMPONESES E REVOLUÇÃO

Marco Antônio Villa

Na história da América Latina, particularmente no século XX, a participação dos camponeses nos movimentos políticos sempre se destacou pelo confronto com a ordem dominante, caracterizada pela defesa do latifúndio. Assim, a Revolução Mexicana de 1910, a Revolução Boliviana de 1952 e a Revolução Cubana de 1959 são momentos maiores da luta camponesa pela terra, que nem sempre atingiu o estágio socialista. No México e na Bolívia, apesar do radicalismo da ação camponesa, a revolução foi interrompida num patamar burguês.

No Brasil, desde a Proclamação da República, houve vários momentos nos quais os camponeses se colocaram contra a ordem burguesa. A guerra de Canudos e a heróica resistência às quatro expedições do exército - a última com 10.000 soldados -, a resistência dos camponeses do Contestado, a luta de Trombas e Formoso e a atual onda de invasões de terra comandada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) são alguns exemplos da ativa participação dos camponeses na história contemporânea do Brasil.

Apesar disso, os historiadores relegaram esses movimentos a segundo plano, preferindo realçar as "limitações políticas" dos camponeses ou lançando epítetos de fanáticos e messiânicos àqueles que se opuseram a uma ordem discricionária, injusta e antipopular.

Neste artigo discuto os possíveis motivos que explicam o desdém, o apriorismo histórico dos historiadores e sociólogos

marxistas com relação à ação política dos camponeses, recorrendo às primeiras formulações de Karl Marx sobre o campesinato, às mudanças no seu pensamento em decorrência dos contatos com os populistas russos, e às análises marxianas até a Revolução de 1917. A política camponesa dos bolcheviques e a coletivização forçada do campo soviético são tratados com mais detalhe, pois não só influenciarão decisivamente a interpretação da história política dos camponeses como também servirão de modelo para "resolver" a questão camponesa na transição para o socialismo.

I

As primeiras reflexões de Karl Marx sobre o campesinato estão fortemente influenciadas pela repercussão da Revolução Francesa e da Revolução Industrial na vida europeia, particularmente na Alemanha.

A Revolução Francesa não só encontrou grande dificuldade em penetrar na Alemanha como gerou o desenvolvimento de um processo de resistência às transformações políticas, econômicas e sociais advindas dos acontecimentos de 1789. A idealização do passado medieval, a negação da modernidade - representada pela Revolução Industrial Inglesa e Revolução Francesa, serviram para moldar um conservadorismo romântico profundamente reacionário. Karl Marx iniciou a sua vida intelectual atacando tal recusa à modernidade. Para afirmar a sua diferença em relação ao pensamento alemão tradicional, nega qualquer papel renovador/revolucionário às classes que não são intrínsecas ao capitalismo.

Sendo assim, para Marx, somente a burguesia e o proletariado são considerados classes revolucionárias, pois representam o progresso, o capitalismo. Já o campesinato, identificado com a ordem feudal, está associado ao atraso, ao conservadorismo alemão. Daí considerar os camponeses uma classe econômica, e não política, sem possibilidade de alcançar a consciência de classe para si. A desconsideração da ação revolucionária dos camponeses funciona como um mecanismo de defesa, frente ao conservadorismo romântico alemão e, não menos importante, ao socialismo utópico, que idealiza a vida comunitária que foi varrida,

principalmente nas últimas décadas do século XVIII e na primeira metade do século XIX, pelo desenvolvimento avassalador do capitalismo.¹

O exílio passado na Inglaterra, centro do capitalismo mundial, onde a questão camponesa não mais fazia parte de nenhum programa revolucionário, pois os camponeses tinham sido expropriados entre os séculos XVI e XVIII (desde as leis sangüinárias de Elizabeth I até a intensificação dos cercamentos), colaborou para Marx relegar a plano secundário os camponeses, quando não para demonstrar a inevitabilidade do seu desaparecimento, enquanto classe.

No Manifesto Comunista, um das obras da literatura socialista de maior difusão, Marx e Engels afirmam que o desenvolvimento do capitalismo coloca "em plano secundário as classes legadas pela Idade Média." Essas classes,

*"os pequenos industriais, os pequenos comerciantes, os artesãos, os camponeses - lutam contra a burguesia para garantir sua existência como classes médias. Não são, portanto, revolucionárias, mas conservadoras; mais ainda, são reacionárias, pois procuram fazer girar para trás a roda da História. Se, por acaso tornam-se revolucionárias e, em consequência de sua iminente transferência para o proletariado, não defendem seus interesses atuais mas interesses futuros, abandonam seu próprio ponto de vista pelo do proletariado."*²

Dentro dessa concepção de História, é inevitável o desaparecimento da propriedade camponesa: *"Não precisamos aboli-la, porque o desenvolvimento da indústria já a aboliu e continua a aboli-la diariamente."*³

1- "La primera reacción contra la Revolución Francesa y el pensamiento de las luces, que va vinculado a ella, ha sido naturalmente la de verlo todo bajo el aspecto medieval y romántico, e incluso personas de la valía de Grimm lo han compartido en parte. La segunda reacción, que corresponde a la tendencia socialista, aun cuando sus sabios no se den cuenta en absoluto de que es suya, consiste en remontarse, por encima de la Edad Media, a los orígenes de cada pueblo". Carta de Marx a Engels (25 de março de 1868). Max, K. e Engels, F. Cartas sobre el Capital. Barcelona, Editorial Laia, 1974. P. 158.

2- MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. "Manifesto Comunista", p. 94. In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Cartas Filosóficas e Outros Escritos. São Paulo, Grijalbo, 1977.

3- Ibidem, p. 97.

Em 1852, Marx publicou *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*. Nessa obra, fartamente citada pelos autores que negam o papel revolucionário do campesinato, Marx descreve como os "pequenos camponeses" franceses se transformaram na base política do bonapartismo.

"Eles constituem uma imensa massa, cujos membros vivem em condições semelhantes mas sem estabelecerem relações multiformes entre si. Seu modo de produção os isola uns dos outros, em vez de criar entre eles um intercâmbio mútuo. Esse isolamento é agravado pelo mau sistema de comunicações existente na França e pela pobreza dos camponeses. Seu campo de produção, a pequena propriedade, não permite qualquer divisão do trabalho para o cultivo, nenhuma aplicação de métodos científicos e, portanto, nenhuma diversidade de desenvolvimento, nenhuma riqueza de relações sociais. Cada família camponesa é quase auto-suficiente: ela própria produz a maior parte do que consome, adquirindo assim os meios de subsistência mais através de trocas com a natureza do que do intercâmbio com a sociedade. Uma pequena propriedade, um camponês e sua família; ao lado deles outra pequena propriedade, outro camponês e outra família. Algumas dezenas delas constituem uma aldeia e algumas dezenas de aldeias constituem um departamento. A grande massa da nação francesa é, assim, formada pela simples adição de grandezas homólogas, da mesma maneira que batatas em um saco constituem um saco de batatas. Na medida em que milhões de famílias camponesas vivem em condições econômicas que as separam umas das outras e opõem o seu modo de vida, os seus interesses e sua cultura ao das outras classes da sociedade, estes milhões constituem uma classe. Mas na medida em que existe, entre os pequenos camponeses, apenas uma ligação local, em que a similitude de seus interesses não cria entre eles comunidade alguma, ligação nacional alguma, nem organização política, nessa exata medida não constituem uma classe. São conseqüentemente, incapazes de fazer valer seu interesse de classe, quer em seu próprio nome, quer através de uma convenção. Não podem representar-se, têm que ser representados. Seu representante tem, ao mesmo tempo, que aparecer como seu senhor, como autoridade sobre eles, como um poder governamental ilimitado que os protege das demais classes e que do alto lhes manda o sol e a

chuva. A influência política dos pequenos camponeses, portanto, encontra sua expressão final no fato de que o Poder Executivo submete ao seu domínio a sociedade."⁴

Somente no início dos anos 70, após um período de estabilização capitalista, Marx passou a considerar que a revolução pode ocorrer primeiro nos países periféricos e não nos países capitalistas desenvolvidos. Isso traz à tona novamente os camponeses, pois, na Irlanda, na Espanha⁵ e, principalmente, na Rússia, representam a ampla maioria da população. O Marx de viés evolucionista cede lugar ao que particulariza os estudos de caso, negando que o processo ocorrido na Inglaterra se repetirá *in totum* em qualquer país. Nessa mudança radical, tem papel fundamental o seu contato com o movimento revolucionário populista russo, que permite romper com uma visão etapista da História. Esses sempre se mostraram resistentes em considerar o capitalismo e suas seqüelas como um progresso inevitável, um preço a ser pago pelo progresso. Opor-se ao avanço do capitalismo impede a expropriação dos camponeses, condição histórica indispensável para o pleno progresso do capital, sem resvalar para o conservadorismo romântico, que idealiza o passado, eliminando as contradições de classe.

4- MARX, Karl. "O 18 Brumário de Luis Bonaparte", pp. 396-397. In: MARX, Karl. *Manuscritos Econômico-Filosófico e Outros Textos Escolhidos*. São Paulo, Abril Cultural, 1978.

5- Durante os anos 1854-1856, Marx dedicou atenção especial aos acontecimentos de Espanha. Em um artigo publicado em 1854, afirma que o "hecho de que el partido revolucionario no supiera vincular los intereses del campesinado con el movimiento de las ciudades fue reconocido por dos personajes que desempeñaron papeles principales en la revolución: los generales Morillo y San Miguel. Morillo, del que en modo alguno puede sospecharse que simpatizara con la revolución, escribió desde Galicia al Duque de Angulema que si las Cortes hubieran aprobado la ley de los derechos señoriales y desposeído, en consecuencia, a los grandes de sus fincas rústicas en favor de las multitudes, el duque se habría enfrentado con amenazadores ejércitos, nutridos de fuerzas patrióticas que se habrían organizado, espontaneamente, como sucedió en Francia en circunstancias análogas". In: MARX, K. e ENGELS, F. *La Revolución en España*. Moscou, Editorial Progreso, 1980, p. 60. Michel Lowy alerta para o fato de que o "interesse desses artigos e correspondências sobre a Espanha reside principalmente no fato de ser uma das raras obras de Marx, dedicada às condições e às possibilidades da revolução num país atrasado, subdesenvolvido, semifeudal." Segundo Lowy, destes artigos é possível concluir que nos "países subdesenvolvidos, atrasados, semifeudais, a revolução socialista é possível depois de um processo de maturação política-social ativa do povo trabalhador". In: LOWY, Michel. *Método Dialético e Teoria Política*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1975, pp. 85 e 95.

Já em *A Guerra Civil na França*, escrito em 1871, relatando a epopéia da Comuna de Paris, Marx demonstra que mudou sua apreciação sobre os camponeses:

*"O camponês francês elegeu Luís Bonaparte presidente da República, mas o partido da ordem criou o Império. O que o camponês francês queria, realmente, começou ele mesmo a demonstrar em 1849 e 1850, ao opor o alcaide ao prefeito do governo, o mestre escolar ao padre do governo e sua própria pessoa ao gendarme do governo. Todas as leis promulgadas pelo partido da ordem, em janeiro e fevereiro de 1850, foram descaradas medidas de repressão contra o camponês. O camponês era bonapartista porque a grande revolução, com todos os benefícios que ele havia conquistado, se personificava para ele em Napoleão. Mas essa quimera, que se ia esfumando rapidamente sob o Segundo Império (e que era, por natureza, contrária aos 'rurais'), esse preconceito do passado, como teria resistido ele ao apelo da Comuna, aos interesses vitais e às necessidades mais prementes dos camponeses? Os latifundiários sabiam que três meses de livre contato de Paris da Comuna com as províncias bastariam para desencadear uma sublevação geral de camponeses; daí sua pressa em estabelecer o bloqueio policial de Paris para impedir que a epidemia se propagasse."*⁶

A aproximação de Marx com os populistas russos, ao invés de ser um retorno à visão tradicional dos camponeses, muito em voga na Alemanha durante o período de sua formação intelectual, representa a abertura do seu pensamento para uma realidade muito mais complexa, onde os conflitos de classe não se resumem ao proletariado e à burguesia, onde o passado interage com o presente, moldando o futuro socialista. Portanto a incorporação dos países atrasados à História, transforma a reflexão marxista sobre o processo de rompimento com o capitalismo, pois, nesses países, se tornava possível construir o socialismo sem passar pela acumulação originária do capitalismo e suas trágicas consequências.

Na carta à Redação da revista *Otíéchestviennie Zapiski*, escrita em novembro de 1877, Marx afirma:

6- MARX, Karl. "A Guerra Civil na França". In: MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Textos 1. São Paulo, Edições Sociais, 1975, pp. 202-203.

"no posfácio à décima edição alemã de O Capital - que o autor do artigo sobre o Sr. Jukovski conhece, pois a cita - falo de um 'grande sábio e crítico russo' com a elevada consideração que ele merece. Ele abordou, em artigos notáveis, a questão de saber se a Rússia deve começar por destruir, como pretendem seus economistas liberais, a comuna rural, para passar ao regime capitalista, ou se, pelo contrário, ela pode, sem experimentar as torturas deste regime, apropriar-se de todos os seus frutos, desenvolvendo suas próprias condições históricas. Ele opta por esta última solução. E meu honorável crítico teria pelo menos tanta razão para inferir de minha consideração por esse 'grande sábio e crítico russo' de quem eu compartilhava as opiniões sobre esta questão, para concluir de minha polêmica contra o belletrist e pan-eslavista que eu os rejeitava.

Enfim, continua Marx, como eu não gosto de deixar nada para ser adivinhado, falarei sem rodeios. Para poder apreciar, com conhecimento de causa, o desenvolvimento econômico da Rússia, aprendi o russo e estudei, durante longos anos, as publicações oficiais e outras relativas ao assunto. Cheguei ao seguinte resultado: se a Rússia continuar marchando pelo caminho seguido desde 1861, ela perderá a mais bela oportunidade que a História jamais ofereceu a um povo e experimentará todas as peripécias fatais do regime capitalista.

O Capítulo sobre a acumulação primitiva pretende somente traçar o caminho por onde, na Europa Ocidental, a ordem econômica capitalista saiu das entranhas da ordem econômica feudal. Ele expõe, assim, o movimento histórico que, ao divorciar os produtores de seus meios de produção, converter os primeiros em assalariados (proletários, no sentido moderno da palavra), e os detentores dos últimos em capitalistas. Nesta História, 'fazem época todas as revoluções que servem de alavanca para o avanço da classe capitalista em formação, sobretudo aquelas que, ao despojar as grandes massas de seus meios tradicionais de produção e de existência, as lançam nas subitamente no mercado de trabalho. Mas a base de toda esta evolução é a expropriação dos cultivadores. Até agora, só na Inglaterra, ela se completou de modo radical... mas

todos os países da Europa Ocidental percorrem o mesmo movimento' etc. (O Capital, edição francesa, p. 315).

No fim do capítulo, assim é resumida a tendência histórica da produção:

ela mesma 'engendra sua própria negação com a fatalidade que preside as transformações da natureza'; ela mesma cria os elementos de uma nova ordem econômica, ao dar grande impulso às forças produtivas do trabalho social e ao desenvolvimento integral de cada produtor.

A propriedade capitalista, já repousando de fato sobre um modo de produção coletivo, só pode transformar-se em propriedade social. Não forneci ainda nenhuma prova a esse respeito pelo simples motivo de que esta afirmação é, apenas, resumo do que foi discutido nos capítulos que falam sobre a produção capitalista."

Continua:

"Que aplicação à Rússia meu crítico poderia fazer desde esboço histórico? Apenas esta: se a Rússia tende a transformar-se numa nação capitalista, à maneira das nações da Europa Ocidental "(e nos últimos anos ela se tem dado mal com essa pretensão), não o conseguirá sem antes transformar boa parte de seus camponeses em proletários. E então, introduzida no seio do regime capitalista, ela experimentará suas leis impiedosas, como ocorreu com outros povos. Isto é tudo. Mas não é para meu crítico. Ele se sente obrigado a metamorfosear meu esboço histórico da gênese do capitalismo na Europa Ocidental em uma teoria histórico-filosófica da marcha geral fatalmente imposta a todos os povos, sejam quais forem as circunstâncias históricas em que se encontrem, para chegar, finalmente, a esta transformação econômica que assegure, juntamente com o maior impulso das forças produtivas do trabalho social, o mais completo desenvolvimento do homem. Mas ele que me perdoe: isso, ao mesmo tempo, muito me honra e muito me envergonha. Tomemos um exemplo.

Em diferentes passagens de O Capital, faço alusão ao destino dos plebeus da antiga Roma. Eram originariamente camponeses livres que cultivavam, cada um por sua conta, suas próprias parcelas de

terra. No curso da história romana, foram expropriados. O mesmo movimento que os separou de seus meios de produção e de subsistência implicou não a formação não só da grande propriedade fundiária mas também de grandes capitais monetários. Assim, um dia, havia, de um lado, homens livres, despojados de tudo, exceto de sua força de trabalho, e de outro, para explorar esse trabalho, os detentores de todas as riquezas adquiridas. O que ocorreu? Os proletários romanos transformaram-se não em trabalhadores assalariados, mas em um mob ocioso, mais abjeto que os poor whites do Sul dos Estados Unidos. E junto a eles não se desenvolveu um modo de produção capitalista, mas escravista. Portanto, acontecimentos de uma surpreendente analogia, que ocorreram em meios históricos diferentes, levaram a resultados inteiramente distintos. Estudando cada uma dessas evoluções separadamente e comparando-as em seguida, encontra-se facilmente a chave do fenômeno, mas nunca se chega a ela com o passe-partout de uma teoria histórico-filosófica geral, cuja suprema virtude consiste em ser supra-histórica."⁷

Na famosa carta a Vera Zasúlich (8 de março de 1881), Marx reafirma :

"en el fondo del sistema capitalista está pues la separación radical entre productor y medios de producción... la base de toda esta evolución es la expropiación de los campesinos. Todavía no se ha realizado de una manera radical más que en Inglaterra... Pero todos los demás países de Europa Occidental van por el mismo camino. (El Capital, edición francesa, p. 316)

*La 'fatalidad histórica' de este movimiento está, pues, expressamente restringida a los países de Europa Occidental."*⁸

Nos rascunhos desta carta, Marx também muda radicalmente a sua visão sobre a ação do imperialismo inglês na Ásia. Em 1853, Marx diz que:

7- In: FERNANDES, Rubem César (org.). Dilemas do Socialismo. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982, pp. 166-8.

8- MARX, K. e ENGELS, F. Escritos sobre Rusia. II. El Porvenir de la Comuna Rural Rusa. México, Pasado y Presente, 1980, p. 60.

*"não devemos esquecer simultaneamente que essas idílicas comunidades rurais, por inofensivas que parecessem, constituíram sempre uma sólida base para o despotismo oriental; restringiram o intelecto humano aos limites mais estreitos, convertendo-o num instrumento submisso da superstição, submetendo-o à escravidão de regras tradicionais e privando-o de toda grandeza e de toda iniciativa histórica."*⁹

A Inglaterra

*"tem de cumprir na Índia uma dupla missão: destruir, por um lado, e regenerar, por outro. Tem que destruir a velha sociedade asiática e assentar as bases materiais da sociedade ocidental na Ásia. (...) De acordo com a lei imutável da história, os conquistadores bárbaros são conquistados pela civilização superior dos povos subjugados por eles."*¹⁰

Já em 1881, Marx afirma que nas

*"Índias orientales, por ejemplo, todo el mundo, salvo sir H. Maine y otros del mismo jaez, sabe que allí la supresión de la propiedad común de la tierra no era más que un acto de vandalismo inglés, que empuja al pueblo indígena na hacia adelante sino hacia atrás."*¹¹

Marx, durante os anos 1870, deu enorme importância aos estudos sobre o campo russo. Engels, no prefácio do Tomo III de *O Capital*, diz que

"Marx havia feito, nos anos 70, estudos especiais totalmente novos. Os registros estatísticos e outras publicações sobre a propriedade fundiária, que se tornaram inevitáveis, depois da 'reforma' de 1861 na Rússia, e que amigos russos puseram à sua disposição em forma tão completa quanto se poderia desejar, foram estudados durante

9- MARX, K. "O domínio britânico na Índia". In: MARX, K. e ENGELS, F. *Textos 3*. São Paulo, Edições Sociais, 1977, p. 290.

10- MARX, K. "Futuros resultados do domínio britânico na Índia". In: MARX, K. e ENGELS, F. *Op. cit.*, pp. 292-3.

11- MARX, K. e ENGELS, F. *Escritos sobre Rusia. II. El Porvenir de la Comuna Rural Rusa*. México, Pasado y Presente, 1980, p. 52.

anos por Marx no idioma original, deles extraindo citações, que tinha a intenção de utilizar na reelaboração dessa seção. Dada a variedade de forma, tanto da propriedade fundiária quanto da exploração dos produtos agrícolas na Rússia, deveria desempenhar o mesmo papel que, no Livro Primeiro, a Inglaterra desempenhou no que tange ao trabalho assalariado industrial. Lamentavelmente, a execução desse plano ficou-lhe vedada."¹²

No próprio prefácio da edição russa de 1881 do Manifesto Comunista, fica evidente a preocupação da incorporação do campesinato ao processo revolucionário:

"O Manifesto Comunista tinha como tarefa a proclamação do desaparecimento próximo e inevitável da moderna propriedade burguesa. Mas na Rússia vemos que, ao lado do florescimento febril da velhacaria capitalista e da propriedade territorial burguesa em vias de formação, mais da metade das terras é possuída em comum pelos camponeses. A pergunta, pois, agora é: poderia a comunidade rural, forma por certo já muito deteriorada da primitiva propriedade comum da terra - passar diretamente à forma superior da propriedade coletiva, à forma comunista ou, pelo contrário, deverá primeiramente passar pelo mesmo processo de dissolução que constitui o desenvolvimento histórico do ocidente?"

A única resposta que hoje se pode dar à questão é a seguinte: se a revolução russa torna-se o sinal para a revolução proletária no Ocidente, de modo que cada uma complemente a outra, a atual propriedade comum na Rússia poderá servir de ponto de partida para a evolução comunista."¹³

Infelizmente, grande parte da reflexão marxista sobre os camponeses e os "países atrasados" só foi divulgada no século XX, após a I Guerra Mundial, ou ficou relegada a um plano secundário, pois, na obra fundamental, *O Capital*, estas questões não estão presentes.

12- MARX, Karl. *O Capital*. Vol. IV. São Paulo, Nova Cultural, 1986, pp. 8-9.

13- MARX, K. e ENGELS, F. "O Manifesto de 1848". In: MARX, K. e ENGELS, F. *Textos* 3, p. 66.

Segundo Eric Hobsbawn, só

*"depois da publicação do vol. I do Capital (isto é, quando já estava elaborado o esboço básico dos volumes II e III) o problema começou, ao que parece, a preocupar os dois amigos, sobretudo a partir de 1868, quando Marx iniciou, seriamente, o estudo de Maurer, cujo trabalho ele e Engels, daí por diante, encararam como a base de seus conhecimentos neste campo. Entretanto, o interesse de Marx parece ter-se concentrado na luz que Maurer e outros lançaram sobre a comunidade camponesa primitiva, mais do que na servidão, enquanto Engels, ao que tudo indica, desde o começo interessou-se pelo último aspecto também, apresentando a servidão com base em Maurer, em seu texto O Marco (escrito em 1882). Algumas das derradeiras cartas trocadas entre os dois, em 1882, referem-se à evolução histórica da servidão. Evidencia-se que o interesse de Marx pelo tema cresceu no fim de sua vida, quando os problemas da Rússia passaram a preocupá-lo cada vez mais. As seções do volume III do Capital que tratam das transformações da rendas da terra não mostram qualquer sinal de estudo minucioso da literatura sobre a agricultura feudal no Ocidente."*¹⁴

Assim,

*"é provável ter havido dois períodos da carreira de Marx dedicados mais especialmente à história das sociedades pré-industriais ou não-européias: os anos da década de 1850, isto é, o período anterior ao do esboço da Crítica da Economia Política, e a década de 1870, depois da publicação do volume I do Capital e de substancialmente esboçados os volumes II e III, quando Marx parece ter retornado aos estudos históricos, especialmente sobre a Europa Oriental e a sociedade primitiva, talvez em correspondência a seu interesse quanto às possibilidades revolucionárias da Rússia."*¹⁵

Como somente a publicação do livro I de O Capital foi feita em vida e como também Engels nunca partilhou das inquietações de Marx, é compreensível -

14- HOBSEBAWN, Eric. Introdução às Formações Econômicas Pré-Capitalistas. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, pp. 25-6.

15- HOBSEBAWN, Eric. Op. cit., p. 29.

apesar de não justificar - o abandono dessa reavaliação do pensamento marxista com relação à negação do papel revolucionário dos camponeses. É importante lembrar que Engels não só não partilhou dessas preocupações de Marx, como, até o final da sua vida, reafirmou o papel reacionário, apático, dos camponeses, reforçando o primado do desenvolvimento das forças produtivas capitalistas como elemento indispensável para alcançar o socialismo. Em *O Problema Camponês na França e na Alemanha*, Engels afirma:

"o camponês só se tem manifestado, como fator do poder político, através de sua apatia, cuja origem está em seu isolamento da vida real." Para Engels, como o desenvolvimento do capitalismo é inexorável, o pequeno camponês, como todo o resto de um modo de produção já caduco, está irremediavelmente condenado a desaparecer. O pequeno lavrador é um futuro proletário.

Como primeiro representante de um marxismo brutal, de viés evolucionista, Engels indica como um dever do Partido Social-Democrata-Alemão:

*"mostrar aos camponeses, constante e incansavelmente que, enquanto o capitalismo domina, sua situação continuará a ser absolutamente desesperadora; convencê-los da absoluta impossibilidade de conservar sua propriedade parcelar, como tal, infundir-lhes a certeza absoluta de que a produção capitalista passará por cima da antiquada e importante pequena exploração, da mesma forma que um trem passa por cima de um pequeno carro de mão. Se assim agir, estará trabalhando no sentido da evolução econômica inevitável - e esta se encarregará de fazer com que os pequenos camponeses prestem ouvidos a nossas palavras."*¹⁶

A aproximação de Marx, especialmente, e Engels com os movimentos revolucionários russos intensificou-se com a difusão do marxismo na Rússia e

"os populistas tomaram maior consciência da incompatibilidade de certas premissas do materialismo histórico com as suas opiniões sobre o desenvolvimento social desejado para a Rússia, mas alguns deles ainda continuaram a aprender com o marxismo e tentaram

16- ENGELS, Friedrich. "O Problema Camponês na França e na Alemanha". In: MARX, K. e ENGELS, F. *Textos 1*. São Paulo, Edições Sociais, 1875, pp. 135, 138, 149.

discutir com os "discípulos russos de Marx" em termos marxistas. Os populistas foram o primeiros pensadores a assinalar as características específicas dos "retardatários" (isto é, dos países agrícolas atrasados, que conhecem o desenvolvimento da modernização em condições criadas pela coexistência com os países de capitalismo avançado) e a tentar elaborar a teoria de uma modernização socialista desses países."

"Este problema, continua Walicki, foi desprezado por Plekhânov, dogmaticamente convencido de que os países atrasados deveriam simplesmente repetir as mesmas fases de desenvolvimento já atravessadas pelos países avançados. Todavia o próprio Marx, até o final de sua vida, rejeitou este ponto de vista evolucionista e, para grande desapontamento do grupo de Plekhânov, apoiou de fato as opiniões populistas. Pode-se, portanto, afirmar que o contato entre marxismo e populismo russo produziu alguns importante resultados: aguda consciência dos problemas específicos do atraso econômico, aos quais o marxismo não oferecia nenhuma solução já pronta e as primeiras tentativas de elaborar teorias da modernização socialista dos países atrasados (...). Enfim, o contato com os problemas da Rússia e com as teorias e as esperanças dos pensadores populistas russos foi, talvez, o fator decisivo de uma certa mudança no pensamento de Marx nos seus últimos anos, mudança de perspectiva e colocação de novas questões, cuja importância, hoje claramente reconhecida, foi grosseiramente subestimada no século XIX, por causa do fascínio exercido pela idéia de um progresso unilinear e 'eurocêntrico'.¹⁷

Nicolai Danielson (Nikolai-On), um dos mais assíduos interlocutores russos de Marx, em seu livro *A Tarefa Econômica da Rússia*, afirma: a nossa

"história legou-nos a comuna. A pressão do capitalismo, as condições de produção e de circulação por ele criadas e a separação entre a indústria e a agricultura retiram da coluna a capacidade de prover a subsistência de seus membros. Nas condições atuais, ela

17- WALICKI, Andrzej. "Socialismo Russo e Populismo". In: HOBBSAWN, Eric (org.). *História do Marxismo*. Vol. 3. Rio de Janeiro, Paz e Terra, pp. 55-6.

está decididamente ameaçada de destruição. Por outro lado, a propriedade comum da terra será uma das principais condições materiais da produção na futura ordem econômico-social. A aplicação da ciência à agricultura não exige necessariamente que se passe pelo caminho ocidental, onde a acumulação capitalista expulsa a maioria dos camponeses de suas terras. Esta expulsão em massa representaria para nós uma verdadeira morte econômica."¹⁸

Pedro N. Tkatchov, outro destacado populista, em resposta a uma crítica de Engels, escreveu:

"a situação do nosso país é inteiramente excepcional: ela não tem nada em comum com a situação de qualquer país da Europa Ocidental. As formas de luta empregadas no Ocidente são, na melhor das hipóteses, absolutamente inadequadas para nós. Necessitamos de um programa revolucionário totalmente distinto, que deve diferir do alemão, na mesma medida em que as condições sócio-políticas da Alemanha diferem das existentes na Rússia. Analisar o nosso programa do ponto de vista alemão (isto é, do ponto de vista das condições sociais do povo alemão) seria tão absurdo quanto analisar o programa alemão do ponto de vista russo. O senhor não compreende isto, não está em condições de perceber o ponto de vista russo e, no entanto, o senhor tem a ousadia de passar decretos e dar conselhos (...)

Em primeiro lugar, peço que tome consciência de que não dispomos na Rússia de nenhum daqueles meios de luta revolucionária comuns no Ocidente em Geral e na Alemanha em particular. Não temos um proletariado urbano, não temos liberdade de imprensa, não temos instituições de representação parlamentar. (...) Mas isso não o deveria levar a concluir que o triunfo da revolução social seja mais problemático e menos certo na Rússia do que no Ocidente. Absolutamente. Embora não tenhamos aquelas condições que lhes são favoráveis, contamos com uma série de outras que os senhores não possuem.

18- DANIELSON, Nicolai. "A Tarefa Econômica da Rússia". In: FERNANDES, Rubem César (org.). Op. cit., pp. 93-4.

Não temos um proletariado urbano, é verdade; mas tampouco temos uma burguesia. Entre o povo sofredor e o despotismo estatal que o oprime, não temos uma classe média. (...)

Nosso povo é ignorante - também isso é verdade. Mas, em compensação, em vasta maioria (sobretudo nas regiões norte, centro, noroeste e sudoeste da Rússia), está impregnado dos princípios do governo comum e comunitário da terra. Ele é, se assim se pode dizer, comunista por instinto, por tradição. A idéia da propriedade coletiva arraigou-se tão profundamente na visão de mundo do povo russo que, atualmente, quando o governo começa a compreender que esta idéia não está de acordo com os princípios da ordem social e que, em nome destes princípios, procura difundir na consciência e na vida do povo a idéia de propriedade privada, tem que lançar mão dos argumentos do chicote e da baioneta.

Decorre claramente daí que o nosso povo, apesar de sua ignorância, está mais próximo do socialismo do que os povos da Europa Ocidental, ainda que aqueles sejam mais esclarecidos.

Nosso povo acostumou-se à escravidão e à dependência, não há como negá-lo. Mas o senhor não deveria concluir que ele está satisfeito com a sua sorte. Não, ele protesta sem cessar... Independentemente da forma assumida pelo seu protesto - seja ela a das seitas religiosas (raskol, como são chamadas entre nós), seja a recusa a pagar impostos, seja o banditismo de grupos organizados, sejam as ações incendiárias ou, finalmente, os levantes e a resistência aberta ao poder - nosso povo protesta incessantemente e, às vezes, de maneira muito enérgica. Certamente o senhor não pode saber destas coisas: estas informações nunca são transmitidas à Europa e mesmo na Rússia é proibido falar delas em voz alta.¹⁹

A resposta de Engels é exemplar e revela como, ao contrário de Marx, ainda se mantém prisioneiro do economicismo:

"A revolução a que aspira o socialismo moderno consiste, brevemente falando, na vitória do proletariado sobre a burguesia e

19- TKATCHOV, Pedro N. "Carta Aberta ao Sr. F. Engels". In: FERNANDES, Rubem César. Op. cit., pp. 133-5.

em uma nova organização da sociedade mediante a liquidação das diferenças de classe. Para isso, é necessário que exista, além do proletariado, que há de levar a cabo esta revolução, a burguesia, em cujas mãos as forças produtivas da sociedade alcançam o desenvolvimento que faz possível a eliminação definitiva das diferenças de classe. Entre os selvagens e os semi-selvagens, tampouco, há diferenças de classe e por esse estágio passaram todos os povos. Mas nem sequer pode ocorrer-nos restabelecê-lo, porque deste mesmo estágio surgem necessariamente, com o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade, as diferenças de classe. Só ao chegar a certo grau de desenvolvimento das forças produtivas, muito avançado até para as nossas condições atuais, torna-se possível elevar a produção ao nível em que a liquidação das diferenças de classe represente um verdadeiro progresso, tenha consciência e não traga consigo o estancamento ou mesmo a decadência do modo de produção da sociedade. Somente nas mãos da burguesia as forças produtivas alcançaram esse grau de desenvolvimento. Por conseguinte, a burguesia é, também sob esse aspecto, uma condição prévia e tão necessária como o próprio proletariado, para a revolução socialista. Portanto, quem for capaz de afirmar que é mais fácil fazer a revolução em um país onde ainda que não há proletariado nem tampouco há burguesia demonstra exclusivamente que ainda deve estudar o a-bê-cê do socialismo."²⁰

Engels repetiu inúmeras vezes esse argumento, na correspondência e nas polêmicas mantidas com os populistas. Em carta a Danielson escreveu:

"nas colheitas desta primavera, o camponês estará infinitamente mais fraco do que esteve durante as colheitas de outono. Será forçado a recuperar suas forças em circunstâncias consideravelmente menos propícias. Na miséria, endividado até o pescoço, sem gado, que iniciativa poderá tomar, mesmo nas localidades em que conseguiu sobreviver ao inverno sem desfazer-se de suas terras? Parece-me que muitos anos passarão antes que os resultados desta calamidade sejam totalmente superados. E, quando

20- ENGELS, F. "A Questão Social na Rússia". In: FERNANDES, Rubem César. Op. cit., p. 144.

isto acontecer, a Rússia será um país inteiramente distinto do que era em 1º de janeiro de 1891. Para o nosso consolo, resta somente o pensamento de que, no final das contas, tudo isto há de servir à causa do progresso da humanidade."²¹

Engels é justificado por Hobsbawm:

*"É interessante constatar que - de certo modo até inesperadamente - seus pontos de vista (de Marx) se inclinam no sentido dos Narodniks, que sustentavam que a comunidade aldeã russa poderia fornecer a base da transição para o socialismo sem prévia desagregação, através do desenvolvimento capitalista. Esta opinião não flui da orientação natural do pensamento histórico anterior de Marx e não foi aceita pelos marxistas russos (que se infiltravam entre os opositores dos Narodniks, neste ponto) ou pelos marxistas posteriores. De qualquer forma, revelou-se infundada. Talvez a dificuldade de Marx para esboçar uma justificação teórica disso reflita uma certa sensação de embaraço. Isso faz contraste gritante com o retorno de Engels, lúcido e brilhante, à principal tradição marxista - e ao apoio aos marxistas russos - quando da discussão do mesmo tema, alguns anos mais tarde. De qualquer modo, poderá conduzir-nos à segunda razão da crescente preocupação de Marx com o comunismo primitivo: seu progressivo ódio e desprezo à sociedade capitalista (...) Parece provável que Marx, que anteriormente saudara o impacto do capitalismo ocidental como uma força desumana mas historicamente progressiva sobre as estagnadas economias pré-capitalistas, ia ficando cada vez mais impressionado com sua desumanidade."*²²

21- ENGELS, F. "15 de março de 1892". In: FERNANDES, Rubem César. Op. cit., p. 220.

22- HOBBSBAWN, Eric. Op. cit., p. 49. Kurt Mendelbeun analisa esta questão da mesma forma: "La explicación dada por Engels contra Tkachov en el sentido de que la comuna primitiva no sólo está incapacitada para llevar adelante la gran industria en forma colectiva, sino que 'inclusive marcha necesariamente a la bancarrota a causa de la gran industria' resultaba sin duda mucho más acertada que la afirmación de Marx, que invierte la verdadera relación existente entre las fuerzas productivas y las formas de la propiedad para establecer que la propiedad común primitiva podría determinar el modus operandi de las modernas fuerzas productivas recientemente incorporadas".

Para concluir este ponto, vale citar Andrzejew Walicki:

*"Demonstrou-se correta a previsão populista de que a derrubada da autocracia seria seguida, na Rússia, por uma revolução socialista, de que não passaria muito tempo entre a revolução burguesa e a socialista. Revelou-se infundada, pelo contrário, sua confiança otimista no fato de que tal desenvolvimento não teria comportado o pagamento de um 'preço do progresso' muito alto, isto é, que a industrialização socialista posterior à revolução não teria exigido grandes sacrifícios humanos. Em 1917, Plekhânov viu em Lênin o continuador de Tkatchov e observou precisamente que a revolução bolchevique contradizia, nos pressupostos fundamentais, sua interpretação do marxismo. A vitória do marxismo na Rússia foi, portanto, diferente das teorias e das previsões do 'pai do marxismo russo'."*²³

II

A Revolução Russa é o momento privilegiado para entender como os marxistas, no caso fundamentalmente os bolcheviques, enfrentaram a problemática camponesa.

Já em 1905/1906, a ação revolucionária dos camponeses superou a previsão mais otimista dos bolcheviques. Segundo E.H. Carr, foram

"los obreros urbanos los que desencadenaron la revolución, aunque de un modo torpe y vacilante, y las huelgas industriales masivas del otoño de 1905 fueron su logro má espectacular. Pero, ya en febrero de 1905, los campesinos de las regiones de la tierra negra, de las provincias bálticas y del Cáucaso estaban sublevados, y la manifiesta jacquerie que se extendió sobre toda Rusia, más adelantado el año, continuó encendiéndose espasmódicamente en la

In: MANDELBAUM, Kurt. "Introducción a la edición alemana". MARX, K. et alii. Correspondencia 1868-1895. México, Siglo XXI, 1981, p. 363.

23- WALICKI, Andrzejew. Op. cit., p. 75.

primavera y el verano de 1906, mucho después de haberse extinguido la revolución en las ciudades y las fábricas."²⁴

Apesar disso, Lenin, em 1905, diz que

*"buscar la salvación de la clase obrera en algo que no sea el mayor desarrollo del capitalismo es una idea reaccionaria. En países como Rusia, la clase obrera sufre no tanto del capitalismo como del insuficiente desarrollo capitalista. Por eso la clase obrera está plenamente interesada en el desarrollo más amplio, libre y rápido del capitalismo."*²⁵

Assim, apoiamos

*"el movimiento campesino mientras sea revolucionario-democrático, pero nos preparamos (y nos preparamos sin dilación) para luchar contra él tanto en cuanto aparezca en un papel reaccionario, antiproletario. Toda la esencia del marxismo estriba en este doble cometido."*²⁶

Durante as reformas de Stolipin, que entre os seus principais objetivos desejava destruir a comuna camponesa pois representava "una barrera a la introducción en Rusia de la agricultura competitiva y eficaz del capitalismo"²⁷, Lenin, em 1908, diz que o "viejo debe ser barrido sin más. En las relaciones de propiedad rural no debería subsistir ninguna huella tradicional."²⁸

Mesmo, em 1917, quando as sublevações camponesas cresceram de 49, em março, para 1169, em outubro, os camponeses continuavam a ser desconsiderados como agente histórico. Para Trotsky, os camponeses eram cegos e dispersos, não passavam de uma massa ignorante cheia de preconceitos²⁹, e

24- CARR, E.H. *La Revolución Bolchevique (1917-1923)*. Vol. 2. Madrid, Alianza Editorial, 1974, p. 27.

25- LENIN, V. I. *Das Táticas de la Socialdemocracia*. Moscú Editorial Progreso.

26- LENIN, V. I. Op. cit.

27- CARR, E.H. Op. cit., vol. 2, p. 33.

28- LENIN, V.I. *El Problema Agrario en Rusia a fines del siglo XIX*.

29- TROTSKY, Leon. *A História da Revolução Russa*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977, pp. 48, 50 e 55.

*"não teriam por suas próprias forças, realizado jamais uma revolução agrário-democrática, isto é, a revolução que desejavam. Necessitavam de uma direção. Pela primeira vez na História Universal, deveria o camponês encontrar o seu guia na pessoa do operário."*³⁰

O mujique era o ponto de apoio do asiaticismo e a fraqueza dos bolcheviques no interior do movimento camponês devia-se ao fato

*"de que os bolcheviques não compartilhavam das ilusões dos rurais. O campo não poderia chegar-se ao bolchevismo sendo pela experiência própria e em consequência das decepções."*³¹

Charles Bettelheim conclui que, devido a várias razões,

*"as massas camponesas continuam limitadas a uma ação direta, tendo por objetivo as terras, e não se orientam para uma aliança organizada com o proletariado das cidades. As razões ideológicas e políticas são fáceis de perceber: a força da influência dos SR e a fraqueza da dos bolchevistas. Mas esses dois aspectos de uma mesma situação política exigem também uma explicação, que será relativamente simples, se voltarmos ao passado: os bolchevistas haviam dirigido muito pouco de seu esforço de propaganda e de organização para as massas camponesas, enquanto os SR, atuando através da intelligentsia rural, exerciam influência efetiva sobre uma parte do campesinato. Entre fevereiro e outubro de 1917, os bolchevistas não podiam navegar contra a corrente porque não dispunham de forças suficientes."*³²

O autor não reconhece que os bolcheviques possuíam um programa agrário que não atendia às necessidades dos camponeses, diferentemente dos socialistas revolucionários, em parte herdeiros dos populistas. Portanto, a influência eserista deve-se a uma razão programática, não cabendo aos camponeses o ônus político do isolamento político em relação à classe operária. Foi o P.O.S.D.R. (tanto os

30- TROTSKY, Leon. Op. cit., vol. 1, p. 61.

31- TROTSKY, Leon. Op. cit., vol. 1, pp. 329 e 342.

32- BETTELHEIM, Charles. *A Luta de Classes na União Soviética*. Vol. 1. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, p. 74.

mencheviques como os bolcheviques) que se afastou dos camponeses, impedindo, na prática, uma aliança entre os explorados do campo e da cidade, que poderia ter sido obtida desde 1905.

O próprio Lenin reconhece a impropriedade do programa agrário bolchevique quando afirma que, para provar

*"a los campesinos que los proletarios no quieren mandar en ellos ni darles órdenes sino ayudarles y ser amigos suyos, los bolcheviques victoriosos no han puesto ni una palabra suya en el decreto sobre la tierra, sino que han copiado éste, palabra por palabra, de las ordenanzas campesinas publicadas por los eseristas en su propio periódico (las más revolucionarias, eso sí)."*³³

A interpretação marxista da Revolução Russa insiste em sobrevalorizar o papel do operariado, desqualificando o campesinato. Este sempre é um aliado preferencial da burguesia e a associação entre a participação dos S.R. de direita no governo provisório colabora para desenhar um quadro político que não corresponde à realidade concreta da luta de classes no campo. É um grave equívoco considerar os camponeses aliados da burguesia simplesmente devido a colaboração dos eseristas ao governo.³⁴

Durante o comunismo de guerra as requisições forçadas afastam os camponeses do Estado soviético. Lenin

33- Citado por CARR, E.H. Op. cit., vol 2, nota 16, p. 47. Segundo Trotsky, "proletariado russo não hauria somente em si mesmo sua audácia revolucionária. Sua situação de minoria no país mostra de início que não poderia dar à luta tão grande amplitude nem tampouco assumir a direção do Estado, se não tivesse encontrado apoio nas mais densas camadas das massas populares. Foi a questão agrária que lhe assegurou este apoio". In: TROTSKY, L. Op. cit., vol. 1, p. 57.

34- Segundo Bettelheim, a entrada dos camponeses na luta pela terra deu início a uma nova etapa da Revolução Russa. Ela significa a ruptura de fato da aliança entre o campesinato e a burguesia, aliança que havia permitido a formação do governo provisório e redobrado as forças da burguesia". Ou: "a partir do verão de 1917, o campesinato praticamente se separa da burguesia, pois ele começa a se apossar das terras; entretanto, ideológica e politicamente, não rompe de modo decisivo com a burguesia. De fato, o campesinato não retira integralmente a confiança depositada nos SR, nem coloca o problema do poder. Isto só seria viável se ele aceitasse a liderança da classe operária e do partido bolchevista, fato que não ocorreu então". In: BETTELHEIM, C. Op. cit., vol. I, pp. 79-82.

*"considera que a requisição não constitui apenas uma medida temporária (devendo ser aplicada em razão das condições da guerra), mas medidas inerentes à ditadura do proletariado, à natureza das relações que podem existir entre o proletariado no poder e as massas camponesas."*³⁵

Obviamente, os camponeses resistem, principalmente quando 96,1% das propriedades têm até 14 hectares, conforme é possível constatar pelo quadro abaixo³⁶:

Área cultivável por exploração	1905	1922
de 0 a 2,7 dec.	15,8	15,1
de 2,7 a 5,4 dec.	34,7	35,2
de 5,4 a 13,1 dec.	40,0	45,8
mais de 13,1 dec.	10,5	3,9

Apesar do quadro, onde fica evidente o domínio das pequenas propriedades, Bettelheim insiste em qualificar a resistência camponesa de uma demonstração da natureza de classe pequeno-burguesa, que concede um apoio instável ao Estado da ditadura do proletariado.³⁷ Este Estado sempre procurou enfraquecer a

35- BETTELHEIM, C. Op. cit., vol. 1, p. 317.

36- BETTELHEIM, C. Op. cit., vol. 1, p. 215. Cada deciatina é equivalente a 1,1 hectare.

37- Diz Bettelheim: "Ao nível político, as sublevações camponesas do inverno de 1920-1921 e o episódio do Cronstadt, que é um prolongamento delas, demonstram também a natureza de classe pequeno-burguesa do apoio dado pelo campesinato ao Estado da ditadura do proletariado. Esse apoio é instável na medida em que emana dos camponeses médios (que constituem a massa dos camponeses pobres). Os camponeses médios apóiam o poder soviético enquanto este os ajuda a se desembaraçarem dos proprietários rurais e a tomarem posse de uma certa quantidade

organização camponesa e teme a sua influência política, como, por exemplo, no momento em que foi fixada "a representação camponesa em um delegado para cada grupo de 125 mil habitantes, enquanto a representação urbana correspondia a um delegado para 25 mil eleitores." A explicação de Lenin encobre a eterna desconfiança bolchevique em relação aos camponeses:

*"essa diferença entre as cidades e o campo justifica-se pelo fato de ter a organização do proletariado progredido mais rapidamente do que a do campesinato, o que - acrescenta - deu aos operários uma vantagem real."*³⁸

Com a adoção da NEP (Nova Política Econômica) em 1921, a relação do Estado com os camponeses passou por uma melhora sensível, mas em 1927, a política de requisições forçadas foi novamente utilizada atingindo não só os Kulaks, como também os camponeses pobres (Bedniaki).

As "medidas excepcionais" adotadas pelo Estado e as sucessivas crises de coleta levaram ao abandono da N.E.P. e prepararam o terreno para a coletivização forçada. Para o partido, os camponeses transformaram-se outra vez em inimigos, em entraves ao progresso representado pela industrialização. A coletivização, com seu kolkoze, é considerado o "socialismo" no campo, um salto à frente em relação ao "passo atrás" do decreto da terra de 1917. Já em 1918, Lenin defendia que

"se nuestra Revolución es una revolución burguesa en tanto que marchamos con el campesinato en conjunto... Al principio con 'todo' el campesinato contra la monarquía, contra los propietarios, contra el medievalismo (y, hasta este punto, la Revolución sigue siendo burguesa, democrático-burguesa). Después, con el

de terra, mas seu apoio diminui uma vez terminada a guerra, visto que o poder soviético não os deixa desenvolver livremente seu comércio. Trata-se, portanto, de apoio vacilante de uma pequena burguesia que deseja dispor 'livremente' de 'seus' produtos e poder comerciar com eles". In: BETTELHEIM, c. Op. cit., vol. 1, p. 215.

- 38- BETTELHEIM, C. Op. cit., vol. 1, p. 97. Exemplo desta desconfiança foi a repressão ao movimento mackonovista na Ucrânia que foi massacrado pelo Exército Vermelho após ter derrotado o exército branco em um momento crucial da guerra civil. Ver MAKNO, Nestor. *A Revolução contra a Revolução*. São Paulo, Cortez Editora, 1988; ARCHINOV. *A Insurreição Camponesa Macknovista*. Lisboa, especialmente as páginas 53, 90, 104, 108, 116, 128; CARR, E.H. Op. cit., vol. 1, pp. 187, 320, 321.

campesinato más pobre, con el semiproletariado, con todos los explotados contra el capitalismo, que significa también contra los campesinos ricos, los kulaks y los especuladores; y en ese aspecto, la Revolución se convierte en socialista."³⁹

O Kolkose transformou-se em símbolo da organização camponesa socialista e quem não estava disposto a participar era identificado como Kulak. Segundo Bettelheim,

"a ausência de uma implantação prévia do partido nos campos e a intervenção dos 'encarregados da deskulaquização', vindos de fora e agindo apressadamente, levam à expropriação, prisão ou deportação até mesmo de operários agrícolas e camponeses conhecidos como camponeses pobres."⁴⁰

Fábio Bettanin destaca que a desconfiança manifestada também pelos camponeses que concordavam em entrar nos colcozes em relação às formas mais avançadas de socialização das propriedades e dos meios de produção não pode ser atribuída somente a motivos de ordem ideológica, mas também ao estado de desorganização e à baixa eficiência da maior parte dos próprios colcozes. Segundo o autor,

"a desorganização não era o único mal que afligia as fazendas coletivas. Mais grave ainda era a carência de meios de produção, de animais de trabalho e para criação, de quadros técnicos qualificados, consequência direta do atraso secular da agricultura soviética, que não podia ser eliminado em poucos meses, nem mesmo mudando radicalmente as estruturas produtivas. Essa carência era ulteriormente agravada pelo fato de não existir ainda uma sólida base de indústrias produtoras de equipamentos agrícolas e pelo fato de a maioria das famílias que aderiram aos colcozes pertencer aos bedniaks proprietários de fazendas praticamente destituídas de instrumentos de produção e animais."⁴¹

39- CARR, E.H. Op. cit., vol. 1, p. 139.

40- BETTELHEIM, C. Op. cit., vol. 2, p. 442.

41- BETTANIN, Fábio. *A Coletivização da Terra na URSS (1929-1933)*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1979, p. 23.

Uma das principais acusações aos camponeses era que a falta de cooperação impedia o crescimento da produção, o que seria resolvido no kolkoze que racionalizaria o trabalho. Para Sigrid Grosskopf, é uma falácia negar a cooperação camponesa durante a NEP:

"ante todo en la ayuda espontánea que se aportaron mutuamente que hay que buscar la razón del ascenso económico de una fracción importante de los campesinos pobres: primeiramente, la utilización en común de herramientas agrícolas conoció durante la NEP, una rápida difusión. La ayuda mutua se desarrolló entre otras bajo la forma tradicional de la suprrjaga en la cual, a menudo cinco a siete explotaciones utilizaban conjuntamente e intercambiaban la mano de obra, los animales de tiro, las herramientas, el forraje y los créditos. Con el fin de poder realizar en su nivel la suprrjaga, ciertos campesinos pobres iban hasta pedir prestados los medios de producción al estrato social superior de su aldea. Las encuestas, que fueron efectuadas hacia el fin de la NEP, aportaron sin embargo la prueba que fue equivocada la opinión pública de la Unión Soviética, según la cual la suprrjaga fue durante mucho tiempo considerada sólo como un medio que permitía a los kulaks explotar a los campesinos pobres. Más bien, se reveló que esta última representaba una forma auténtica de trabajo colectivo, a la cual los campesinos pobres y medios recurrían para tratar de hacer productivas sus tierras adquiridas al momento de la revolución agraria (ante todo en las estepas de Ucrania, en Siberia, y en las otras principales regiones productoras de cereales." 42

Grosskopf alerta que o fantasma kulak é mais produto da imaginação de Stalin do que uma realidade no campo soviético:

"a importancia numérica de los kulaks se había tornado en la época de la NEP, cuatro o cinco veces menor que ante de la primera Guerra Mundial; los kulaks también perdido en la época de la NEP, una parte de su poder económico. Pero, a causa del debilitamiento general y de la crisis del ganado que afectaba la agricultura soviética, así como a causa de la extremada carencia de

instrumentos de producción que comprendió por lo menos a la mitad de las explotaciones agrícolas, la posición de fuerza de los kulaks acusó, durante la NEP, apenas un repliegue ligero en comparación a la que tenían en la época zarista."⁴³

A deskulakuização foi uma política deliberada dos bolcheviques:

"não foi a contra-revolução dos kulaks que obrigou o CC a reagir ordenando a 'liquidação' deles, mas, ao contrário, foi o próprio CC que perseguiu, desde os primeiros meses de 1928, um plano de ataque contra os setores abastados do campo, culminando, nos primeiros meses de 1930, com o esmagamento dos kulaks, os quais, é bom lembrar, não se demonstraram em condições de opor qualquer resistência mais séria."⁴⁴

O custo econômico da ofensiva anti-kulak foi a total desorganização do campo russo:

"as fazendas dos kulaks permaneciam as únicas capazes de garantir a produção de um excedente comercial que permitisse enfrentar eventuais, de modo algum improváveis, crises de produção e o desaparecimento delas, num momento em que não havia segurança de poder substituí-las pela produção de colcoses não ainda consolidados, descobria perigosamente um flanco da coletivização. Todos esses lados negativos poderiam ser parcialmente contrabalançados, é verdade, pela possibilidade de integrar os fundos indivisíveis dos colcoses com os bens das fazendas deskulakizada. Mas também é verdade que essa contribuição só se tornou considerável em consequência das dimensões excepcionais assumidas pela liquidação dos rebanhos, que certamente não estava prevista nos planos iniciais de coletivização. Assim, de um ponto de vista estritamente econômico, a deskulakização não se justifica, tanto mais que para realizá-la, o CC foi obrigado a arruinar o

43- GROSSKOPF, Sigríd. Op. cit., p. 257.

44- BETTANIN, Fábio. Op. cit., p. 66.

campo e a desviar enormes forças partidárias de atividades diretamente produtivas num momento extremamente delicado."⁴⁵

Trotsky, em 1930, já no exílio, defende a coletivização forçada:

"No momento em que este livro aparece em francês, a parte mais consciente da classe operária internacional e a humanidade dita 'civilizada' têm os olhos voltados para a transformação econômica que está em vias de se efetuar no território do antigo império dos czares. O problema da coletivização das explorações camponesas é, sobretudo, o que mais atrai a atenção, despertando o mais vivo interesse (...) A coletivização das explorações camponesas constitui, decerto, uma parte necessária e fundamental da reorganização socialista da sociedade. No entanto as suas proporções e o seu ritmo não dependem apenas da boa vontade do governo, mas se determinam pelos fatores econômicos, pelo nível da economia nacional, pelas relações entre a indústria e a agricultura e, por conseguinte, pelos recursos técnicos desta última.

*A industrialização, força motriz de toda a civilização moderna, torna-se, por isso mesmo, o único fundamento possível do socialismo. Nas condições atuais da União Soviética, a industrialização significa, antes de tudo, o reforçamento do proletariado como classe dominante. E cria, ao mesmo tempo, as condições materiais e técnicas favoráveis à coletivização da economia rural. Industrialização e coletivização da terra devem ter, em seu avanço progressivo, velocidades correspondentes. O desenvolvimento de ambas ao ritmo mais rápido interessa ao proletariado, pois, dessa maneira, a nova sociedade em construção se previne contra as ameaças externas, elevando, ao mesmo tempo, sistematicamente, o nível de vida das massas trabalhadoras"*⁴⁶

45- BETTANIN, Fábio. Op. cit., pp. 66-7. Bettelheim sugere que a coletivização forçada pode estar vinculada à nova política da Internacional Comunista, que considera que uma nova conjuntura de crise revolucionária pode ocorrer nos "países capitalistas avançados", tornando desnecessária na URSS qualquer aliança com o campesinato. Vide BETTELHEIM, C. Op. cit., vol. 2, p. 518.

46- TROTSKY, Leon. *A Revolução Permanente*. São Paulo, Ciências Humanas, 1979, pp. 2-3. Trotsky não só apóia a coletivização como também transcreve longos trechos de seu livro Balances e Perspectivas, sobre os acontecimentos de 1905, onde afirma que

A coletivização forçada pode ser entendida com culminação de um processo que se radicaliza em 1929, mas que desde 1917 fazia parte do ideário bolchevique. Bukarin, logo após a Revolução de Outubro, considera que

"el campesinato carece de varios elementos necesarios para hacer de él una clase representativa de la aspiración comunista. Los campesinos están atados por la propiedad privada, a cual son muy adictos, necesitan muchos años de entrenamiento para modificar sus tendencias, labor que sólo podía ser realizada si el proletariado tiene el poder estatal en sus mano. Además, el campesinato no está unido através de la producción, no está habituado al trabajo social y a la labor común. Por el contrario, toda el alma del campesino está en su pequeña parcela de tierra; está acostumbrado a la economía individual, no a la social (...)

El campesinato evidencia amor a la propiedad privada - que les vuelve hostiles a toda innovación -, individualismo, exclusivismo, desconfianza, todo lo que esta fueros de los limites de la aldea. "47

Na mesma época Lukács escreve:

" burguesia y el proletariado son las únicas clases puras de la sociedad burguesa, esto es: ellas son las únicas cuyas existencia y cuyo desarrollo se basan exclusivamente en el desarrollo del processo de produccion moderno, y sólo portando de sus condiciones de existencia es imaginable incluso um plan para la organización de la sociedad entera. El carácter vacilante, o estéril para el proceso, que se observa en la actitud de las demás clases (pequenos burgueses, campesinos) se debe a que su existencia no se funda exclusivamente en su posición en el processo de producción capitalista - sino que está aún indisolublemente enlazada con restos de la sociedad estamental. Por eso dichas clases no intentan

o "campesinato é constituído de elementos revoltados que só a força do futuro poder de Estado logrará pôr a serviço da Revolução". In: TROTSKY, Leon. Op. cit., p. 54.

47- BUKARIN, Nicolai. Teoria del Materialismo Historico. Córdoba, Ediciones Passado y Presente, 1972, p. 289. Por estranho que pareça, na mesma época, Kautsky, polemizando com Lenin, concorda *in totum* com estas palavras de Bukarin. Vide KAUTSKY, Karl, A Revolução Proletária. São Paulo, Ciências Humanas, 1979, pp. 66-7, 70-1.

*promover el desarrollo capitalista in empujarle más allá de sí mismo, sino que aspiran en el fondo a anularlo y retrotraerse a estadios anteriores, o, por lo menos, a impedir que consiga un despliegue pleno. Su interés de clase se orienta pues sólo a síntomas del desarrollo no al desarrollo mismo: hacia fenómenos parciales de la sociedad, no a la estructura de la entera sociedad. Assim, no se puede propiamente hablar de consciencia de clase cuando se trata de estas clases, y eso en el supuesto de que puedan llamarse tales desde un punto da vista marxista riguroso: la plena consciencia de su situación les revelaría la falta desesperada de perspectivas de sus particulares esfuerzos ante la necesidad del proceso social."*⁴⁸

Muitos anos depois, Lucien Goldmann escreve:

*"em 1917, Lenine, para o escândalo da maioria dos socialistas ocidentais, preconizou a distribuição de terra aos camponeses, o que parece contrário a todo programa socialista, simplesmente levou em conta o fato de que o operário russo necessitava, para a Revolução ter bom êxito, da aliança com o campesinato pobre e os diaristas agrícolas, e de que a coletivização agrícola ultrapassava a consciência possível dos camponeses numa sociedade não socialista."*⁴⁹

Portanto, a ação bolchevique na Revolução Russa, que servirá de modelo aos movimentos revolucionários socialistas e a uma interpretação da história política dos camponeses, foi o momento privilegiado em que os pré-conceitos sobre o campesinato atingiram o seu ponto máximo. Reinterpretá-la é uma tarefa indispensável para o historiador preocupado em resgatar a história dos dominados.

48- LUKÁCS, Georg. *Historia y Consciencia de Clase*. Barcelona, Grijalbo, 1975, pp. 64-5 e 66.

49- GOLDMANN, Lucien. *Ciências Humanas e Filosofia*. São Paulo, DIFEL, 1979, p. 99.